

WALTER ISAACSON

# Benjamin Franklin

*Uma vida americana*

*Tradução*

Pedro Maia Soares





# Sumário

1. Benjamin Franklin e a invenção dos Estados Unidos da América .....	9
2. O progresso do peregrino: Boston, 1706-23 .....	13
3. Artífice assalariado: Filadélfia e Londres, 1723-6 .....	43
4. Impressor: Filadélfia, 1726-32 .....	58
5. Cidadão público: Filadélfia, 1731-48 .....	107
6. Cientista e inventor: Filadélfia, 1744-51 .....	134
7. Político: Filadélfia, 1749-56 .....	151
8. Águas turbulentas: Londres, 1757-62 .....	179
9. Despedida de casa: Filadélfia, 1763-4 .....	210
10. Agente provocador: Londres, 1765-70 .....	223
11. Rebelde: Londres, 1771-5 .....	256
12. Independência: Filadélfia, 1775-6 .....	293
13. Cortesão: Paris, 1776-8 .....	328
14. <i>Bon vivant</i> : Paris, 1778-85 .....	353
15. Pacificador: Paris, 1778-85 .....	384
16. Sábio: Filadélfia, 1785-90 .....	437
<i>Epílogo</i> .....	473

<i>Conclusões</i> .....	479
<i>Personagens</i> .....	497
<i>Cronologia</i> .....	503
<i>Conversão de moedas</i> .....	507
<i>Agradecimentos</i> .....	509
<i>Fontes e abreviações</i> .....	513
<i>Notas</i> .....	519
<i>Créditos das imagens</i> .....	565
<i>Índice remissivo</i> .....	567

# I. Benjamin Franklin e a invenção dos Estados Unidos da América

Sua chegada à Filadélfia é uma das cenas mais famosas da literatura autobiográfica: o fugitivo enlameado de dezessete anos, atrevido mas com aparência humilde, extravia-se do barco e compra três pãezinhos gordos enquanto vagueia até a Market Street. Mas espere um minuto. Há algo mais. Elimine uma camada e é possível vê-lo como um observador irônico de 65 anos, sentado em uma casa de campo inglesa, escrevendo essa cena, fingindo que ela faz parte de uma carta ao seu filho, um filho ilegítimo que se tornou um governador colonial com pretensões aristocráticas e precisa ser lembrado por suas raízes humildes.

Um olhar cuidadoso ao manuscrito faz surgir outra camada. Inserida na frase sobre seu progresso de peregrino pela Market Street há uma nota, redigida na margem, na qual ele registra ter passado pela casa de sua futura esposa, Deborah Read, e que “ela, em pé na porta, me viu e achou que eu tinha, como certamente tinha, uma aparência ridícula das mais estranhas”. Portanto, temos aqui, em um breve parágrafo, o personagem multifacetado conhecido tão carinhosamente por seu autor como Benjamin Franklin: quando jovem, depois visto através dos olhos de seu eu mais velho, e depois através das memórias contadas mais tarde por sua esposa. E tudo encimado pela curta e hábil afirmação do velho — “como

certamente tinha” —, em que a autodepreciação mal disfarça o orgulho que sentia por sua notável ascensão no mundo.<sup>1</sup>

Benjamin Franklin é o pai fundador que dá uma piscadela para nós. Os colegas de George Washington achavam difícil se imaginar tocando o austero general no ombro; hoje, nós acharíamos isso ainda mais difícil. Jefferson e Adams são igualmente intimidantes. Mas Ben Franklin, aquele empresário urbano ambicioso, parece feito de carne em vez de mármore, possível de ser chamado pelo apelido; e, no palco da história, ele se vira para nós com olhos que cintilam por trás daqueles óculos modernos. Ele nos fala, por meio de suas cartas, brinadeiras e autobiografia, não com retórica bombástica, mas com uma tagarelice e uma ironia inteligente que são muito contemporâneas, às vezes de forma inquietante. Vemos seu reflexo em nosso próprio tempo.

Durante seus 84 anos de vida, ele foi o melhor cientista, inventor, diplomata, escritor e estrategista de negócios da América do Norte; foi também um dos pensadores políticos mais práticos, embora não o mais profundo. E, com o voo de uma pipa, ele provou que o raio era eletricidade, e inventou uma vara para domá-lo. Inventou óculos bifocais e estufas de queima limpa, elaborou cartas marítimas da corrente do Golfo e teorias sobre a natureza contagiosa da gripe comum. Lançou vários planos de melhorias cívicas, tais como uma biblioteca circulante, faculdade, corpo de bombeiros voluntários, associação de seguros e fundos de contrapartida. Ajudou a inventar o estilo peculiar americano de humor caseiro e pragmatismo filosófico. Na política externa, criou uma abordagem que entrelaçava o idealismo com o realismo do equilíbrio de poder. E, na política, propôs planos influentes para unir as colônias e criar um modelo federal para um governo nacional.

Mas a coisa mais interessante que Franklin inventou, e reinventou incessantemente, foi ele mesmo. Primeiro grande publicista americano, ele tentou, em sua vida e em seus escritos, criar de maneira consciente um novo arquétipo americano. No processo, ele criou a própria persona, retratou-a em público e a poliu para a posteridade.

Em parte, era uma questão de imagem. Quando jovem impressor, na Filadélfia, ele transportava em uma carroça rolos de papel pelas ruas para dar a impressão de ser diligente. Quando velho diplomata na França, usava um gorro de pele para fazer o papel de sábio do interior. Entre um período e outro, criou a imagem de si mesmo como um comerciante simples, mas esforçado, que aprí-

morava assiduamente as virtudes — diligência, frugalidade, honestidade — de um bom lojista e membro benfeicente de sua comunidade.

No entanto, a imagem que criou estava enraizada na realidade. Nascido e criado na classe dos que usam aevental, Franklin sentia-se, ao menos durante a maior parte de sua vida, mais confortável com os artesãos e pensadores do que com a elite dominante, além de ter alergia à pompa e às regalias da aristocracia hereditária. Ao longo de sua vida, ele se referiria a si mesmo como “B. Franklin, impressor”.

Dessas atitudes originou-se o que talvez seja a mais importante antevisão de Franklin: uma identidade nacional americana baseada nas virtudes e valores de sua classe média. Instintivamente mais confortável com a democracia do que alguns dos seus companheiros fundadores, e desprovido do esnobismo que os críticos mais tarde manifestariam em relação a seus valores de comerciante, ele tinha fé na sabedoria do homem comum e achava que uma nação nova tiraria sua força do que chamou de “pessoas medianas”. Por meio de suas dicas de autoaperfeiçoamento para cultivar virtudes pessoais e seus planos de aprimoramento cívico para promover o bem comum, ele ajudou a criar e celebrar uma nova classe dominante de cidadãos comuns.

Em face da complexa interação entre as várias facetas do caráter de Franklin — sua inventividade e sua sabedoria não reflexivas, sua ética protestante divorciada do dogma, os princípios que defendia com firmeza e aqueles que estava disposto a negociar —, cada novo olhar dirigido a ele reflete e refrata as mudanças de valores da nação. Ele foi vilipendiado em períodos românticos e festejado nos momentos empreendedores. Cada época o avalia de novo e, ao fazê-lo, revela algumas avaliações de si mesma.

Franklin tem uma especial ressonância nos Estados Unidos do século XXI. Editor de sucesso e consumado agente de relações com uma curiosidade inventiva, ele teria se sentido em casa na revolução da informação, e seu esforço descarado para fazer parte de uma meritocracia em ascensão fez dele, na expressão do crítico social David Brooks, “nossa yuppie fundador”. É fácil nos imaginarmos tomando uma cerveja com ele depois do trabalho, mostrando-lhe como usar o mais atual artefato digital, compartilhando o plano de negócios de um novo empreendimento e discutindo os escândalos políticos mais recentes ou ideias políticas. Ele riria da última piada sobre um padre e um rabino, ou sobre a filha de um fazendeiro. Nós admiraríamos tanto sua seriedade quanto sua ironia au-

toconsciente. E compreenderíamos a maneira como tentou equilibrar, às vezes constrangido, a busca por riqueza, reputação, virtudes mundanas e valores espirituais.<sup>2</sup>

Há quem veja o reflexo de Franklin no mundo de hoje e se preocupe com a superficialidade da alma e uma complacência espiritual que parece permear a cultura do materialismo. Essas pessoas dizem que ele nos ensina a levar uma vida prática e pecuniária, mas não uma existência elevada. Outros veem o mesmo reflexo e admiram os valores básicos de classe média e os sentimentos democráticos que parecem sofrer o ataque de elitistas, radicais, reacionários e outros críticos virulentos da burguesia. Eles consideram Franklin um exemplo do caráter pessoal e da virtude cívica com frequência ausentes nos Estados Unidos de hoje.

Grande parte da admiração se justifica, bem como alguns dos receios. Mas as lições da vida de Franklin são mais complexas do que aquelas normalmente tiradas por seus fãs ou seus inimigos. Ambos os lados o confundem com o peregrino esforçado retratado em sua autobiografia. Confundem suas máximas morais cordiais com as crenças fundamentais que motivaram suas ações.

Sua moral se baseava numa crença sincera em levar uma vida virtuosa, servindo ao país que amava e com a esperança de alcançar a salvação mediante a realização de boas obras. Isso o levou a fazer a ligação entre virtude privada e virtude cívica e a suspeitar, com base nas poucas provas que conseguiu reunir sobre a vontade de Deus, que as virtudes terrestres estavam ligadas também às celestiais. É o que se depreende do lema que ele criou para a biblioteca que fundou — “Distribuir benefícios para o bem comum é divino”. Em comparação aos contemporâneos como Jonathan Edwards, para quem os homens seriam pecadores nas mãos de um Deus irado e que a salvação só poderia vir por meio da graça, essa perspectiva pode parecer um tanto complacente. De certa forma era, mas também era genuína.

Qualquer que seja o ponto de vista que se assuma, é útil se envolver novamente com Franklin, pois, ao fazê-lo, estamos lidando com uma questão fundamental: como se vive uma vida que é útil, virtuosa, digna, moral e espiritualmente significativa? E, falando nisso, qual desses atributos é mais importante? São questões tão vitais para uma época de autossatisfação como foram para uma era revolucionária.

## 2. O progresso do peregrino

*Boston, 1706-23*

### OS FRANKLIN DE ECTON

Durante o final da Idade Média, uma nova classe surgiu nas aldeias da Inglaterra rural: homens que possuíam propriedades e riqueza, mas não eram membros da aristocracia titulada. Orgulhosos, porém sem grandes pretensões, assertivos de seus direitos como membros de uma classe média independente, esses proprietários vitalícios passaram a ser conhecidos por “franklins”, da palavra do inglês médio “frankeleyn”, que significa “homem livre”.<sup>1</sup>

Quando os sobrenomes começaram a vigorar, as famílias das classes superiores tenderam a assumir os títulos de seus domínios, como Lancaster ou Salisbury. Seus inquilinos não raro recorriam a invocações de seu pequeno território próprio, como Hill [Monte] ou Meadows [Campos]. Os artesãos preferiram o nome de sua atividade, como Smith [Ferreiro], Taylor [Alfaiate] ou Weaver [Tecelão]. E, para algumas famílias, o termo que pareceu mais apropriado foi Franklin.

O mais antigo uso documentado desse nome por um dos ancestrais de Benjamin Franklin, pelo menos que pode ser encontrado hoje, remete a seu trisavô Thomas Francklyne ou Franklin, nascido por volta de 1540 na aldeia de Ecton, em Northamptonshire. Seu espírito independente se tornou parte do folclore

da família. “Essa nossa família obscura esteve no início da Reforma”, escreveu mais tarde Franklin, e “às vezes correu perigo por causa de seu fervor contra o papado”. Quando a rainha Maria I estava engajada em sua cruzada sangrenta para restabelecer a Igreja católica romana, Thomas Franklin manteve a proibida Bíblia inglesa amarrada embaixo de um banco. Este podia ser virado no colo para que a Bíblia pudesse ser lida em voz alta, mas imediatamente escondida sempre que um funcionário da corte eclesiástica passasse por ali.<sup>2</sup>

A independência forte mas pragmática de Thomas Franklin, aliada à sua engenhosidade inteligente, parece ter sido transmitida através de quatro gerações. A família produziu dissidentes e não conformistas dispostos a desafiar as autoridades, embora não a ponto de se tornarem fanáticos. Eram artesãos inteligentes e ferreiros inventivos, com um amor pela aprendizagem. Ávidos leitores e escritores, tinham convicções profundas, entretanto sabiam como usá-las de ânimo leve. Sociáveis por natureza, os Franklin tendiam a se tornar conselheiros de confiança para seus vizinhos e se orgulhavam de fazer parte da classe média composta de donos de lojas, comerciantes e proprietários independentes.

Pode ser apenas presunção de biógrafo pensar que o caráter de uma pessoa pode ser iluminado quando se vasculham suas raízes familiares e salientam os traços recorrentes que culminam perfeitamente na personalidade biografada. Não obstante, a herança da família de Franklin parece um lugar fértil para começar um estudo. Para algumas pessoas, o elemento formador mais importante é o lugar. Para entender Harry Truman, por exemplo, é preciso compreender a fronteira do Missouri no século XIX; do mesmo modo, é necessário mergulhar no Hill Country do Texas para nos aprofundarmos em Lyndon Johnson.<sup>3</sup> Mas Benjamin Franklin não era tão enraizado. Sua herança era a de uma gente sem lugar — os filhos mais moços de artesãos de classe média —, a maioria dos quais fez carreira em cidades diferentes das de seus pais. Desse modo, ele é mais bem compreendido como um produto da linhagem, e não da terra.

Além disso, Franklin também pensava assim. “Eu sempre tive prazer em saber qualquer pequena história de meus antepassados”, diz a frase de abertura de sua autobiografia. Era um prazer ao qual ele iria se entregar quando, já na meia-idade, viajou a Ecton para entrevistar parentes distantes, pesquisar registros de igrejas e copiar inscrições de lápides familiares.

Ele descobriu que o traço dissidente que percorria sua família envolvia mais do que assuntos de religião. Segundo a tradição, o pai de Thomas Franklin tinha

sido um ativo defensor legal do homem comum na controvérsia sobre a prática conhecida como “enclosure”, pela qual a aristocracia rural fechou suas propriedades e impediu que os agricultores mais pobres levassem seus rebanhos para nelas pastar. E o filho de Thomas, Henry, passou um ano na prisão por escrever poesias que, como observou um descendente, “tocavam o caráter de um grande homem”. A inclinação para desafiar a elite, e para escrever poesia medíocre, duraria mais algumas gerações.

O filho de Henry, Thomas II, também apresentava traços que mais tarde ficariam evidentes em seu neto famoso. Era uma alma gregária que adorava ler, escrever e remendar. Quando jovem, construiu do zero um relógio que funcionou durante toda a sua vida. Tal como o pai e o avô, tornou-se ferreiro, mas, nas pequenas aldeias inglesas, o ferreiro exercia uma variedade de tarefas. De acordo com um sobrinho, ele “também praticava por diversão o comércio de torneador (tornear madeira girando com um torno mecânico), armeiro, cirurgião e escrivão, além de ter a letra mais bonita que já vi. Era historiador e tinha alguma habilidade em astronomia e química”.<sup>4</sup>

Seu filho mais velho assumiu o negócio de ferreiro e prosperou igualmente como dono de escola e advogado. Mas essa é uma história de filhos mais moços: Benjamin Franklin era o filho mais moço dos filhos mais moços havia cinco gerações. Ser o último da prole significava muitas vezes ter de se virar por conta própria. Para gente como os Franklin, restava deixar aldeias como Ecton, que eram pequenas demais para sustentar mais do que um ou dois profissionais de cada atividade, e se mudar para uma cidade maior, onde pudessem obter algum aprendizado.

Não era incomum — especialmente na família de Franklin — que irmãos mais novos fossem aprendizes dos mais velhos. Foi assim que o filho mais moço de Thomas II, Josiah Franklin,\* deixou Ecton na década de 1670 rumo à cidade vizinha de Banbury, em Oxfordshire, e se uniu a um agradável irmão mais velho chamado John, que ali havia se estabelecido como tingidor de tecidos de seda e algodão. Depois dos dias austeros do protetorado de Cromwell, a restauração do rei Carlos II levou a um breve florescimento da indústria de vestuário.

Quando estava em Banbury, Josiah foi arrastado pela segunda grande convulsão religiosa que atingiu a Inglaterra. A primeira fora resolvida pela rainha Eli-

\* Ver na p. 497 uma descrição sucinta dos principais personagens deste livro.

zabeth: a Igreja inglesa seria protestante, em vez de católica romana. No entanto, ela e seus sucessores enfrentaram posteriormente a pressão dos que queriam ir ainda mais longe e “purificar” a Igreja de todos os traços católicos. Os puritanos, como vieram a ser conhecidos os dissidentes calvinistas que defendiam o expurgo de vestígios papistas, foram particularmente ativos em Northamptonshire e Oxfordshire. Eles enfatizavam a autonomia congregacional, o sermão e o estudo da Bíblia em detrimento da liturgia e do ritual, e desprezavam grande parte dos adornos da Igreja anglicana, considerados remanescentes poluidores da Igreja de Roma. Apesar de sua concepção puritana da moralidade pessoal, tal seita atraiu alguns dos membros mais intelectualizados da classe média porque enfatizava o valor de reuniões, discussões, sermões e uma compreensão pessoal da Bíblia.

Quando Josiah chegou a Banbury, a cidade estava dividida pela luta em torno do puritanismo. (Durante uma das batalhas mais concretas, uma turba de puritanos derrubou a famosa cruz de Banbury.) A família Franklin também estava dividida, embora de forma menos encarniçada. John e Thomas III permaneceram leais à Igreja anglicana; seus irmãos mais moços, Josiah e Benjamin (às vezes chamado de Benjamin, o Velho, para distingui-lo de seu sobrinho famoso), tornaram-se dissidentes. Mas Josiah nunca foi fanático em levar adiante discussões teológicas. Não há registro de nenhuma disputa familiar sobre a questão.<sup>5</sup>

#### MISSÃO NA TERRA SELVAGEM

Mais tarde, Franklin afirmaria que foi um desejo de “desfrutar do exercício de sua religião com liberdade” que levou seu pai, Josiah, a emigrar para a América. Até certo ponto, isso é verdade. O fim do governo puritano de Cromwell e a restauração da monarquia em 1660 resultaram em restrições aos fiéis puritanos, e os ministros dissidentes foram forçados a abandonar seus púlpitos.

Contudo, o irmão de Josiah, Benjamin, o Velho, estava provavelmente certo ao atribuir a mudança a fatores mais de ordem econômica do que religiosa. Josiah não tinha uma fé ardorosa. Era próximo de seu pai e do irmão mais velho John, ambos anglicanos. “Todos os indícios sugerem que foi o espírito de independência, associado a uma espécie de vivacidade intelectual e um espírito prático, em vez de convicções doutrinárias, que levou os dois únicos Franklin que se tornaram puritanos — Benjamin, o Velho, e Josiah — a seguir esse caminho”,

escreveu Arthur Tourtellot, autor de um livro abrangente sobre os primeiros dezessete anos da vida de Franklin.<sup>6</sup>

A maior preocupação de Josiah era sustentar sua família. Aos dezenove anos, ele se casou com uma amiga de Ecton, Anne Child, e levou-a para Banbury. Em rápida sucessão, tiveram três filhos. Com o término de sua aprendizagem, ele passou a trabalhar por salário na oficina de seu irmão. Mas não havia negócio suficiente para sustentar as duas famílias Franklin, que cresciam rapidamente, e a lei tornava impossível para Josiah entrar em uma nova atividade sem fazer outro aprendizado. Como disse Benjamin, o Velho: “As coisas não aconteceram ali de acordo com sua mente, por isso, com a permissão de seus amigos e do pai, ele foi para a Nova Inglaterra no ano de 1683”.

A história da migração da família Franklin, tal como a história de Benjamin Franklin, oferece um vislumbre da formação do caráter americano. Entre os grandes mitos românticos sobre a América enfatizados pelos livros escolares está o de que o motivo principal de seus colonizadores era a liberdade, em particular a liberdade religiosa.

Como a maioria dos mitos românticos americanos, este contém muito de verdade. Para muitos dos que participaram da onda do século XVII de migração puritana para Massachusetts, como das ondas migratórias subsequentes que fizeram os Estados Unidos, a viagem foi principalmente uma peregrinação religiosa, que envolvia a fuga da perseguição e a busca de liberdade. E, como a maioria dos mitos românticos americanos, este também passa por cima de algumas realidades importantes. Para muitos outros imigrantes puritanos, como para diversas ondas subsequentes, a viagem foi sobretudo uma busca econômica.

Mas estabelecer uma dicotomia acentuada é não compreender os puritanos — e os Estados Unidos da América. Para a maioria dos puritanos, do rico John Winthrop ao pobre Josiah Franklin, a viagem para a terra selvagem foi impulsionada por considerações tanto de fé como de finanças. Afinal, a Colônia da Baía de Massachusetts foi criada por investidores como Winthrop para ser um empreendimento comercial licenciado e para criar uma “cidade [celestial] sobre uma colina”. Esses puritanos não faziam uma distinção excludente entre motivos espirituais e seculares, pois entre as ideias úteis que legaram para a América estava uma ética protestante segundo a qual liberdade religiosa e liberdade econômica estavam ligadas, empreender era uma virtude e o sucesso financeiro não tinha de excluir a salvação espiritual.<sup>7</sup>

Ao contrário, os puritanos desprezavam a crença monástica da Igreja romana antiga de que a santidade exigia a retirada das preocupações econômicas mundanas e pregavam que ser industrioso era um imperativo tanto celestial quanto terreno. O que o historiador da literatura Perry Miller chama de “o paradoxo do materialismo e da imaterialidade puritana” não era paradoxal para os puritanos. Ganhar dinheiro era uma forma de glorificar a Deus. Como Cotton Mather disse em seu famoso sermão “Um cristão em sua profissão”, feito cinco anos antes de Franklin nascer, era importante cuidar de “algum negócio estabelecido, no qual um cristão deve passar a maior parte de seu tempo para que possa glorificar a Deus fazendo o bem aos outros, e obtendo o bem para si mesmo”. O Senhor, muito convenientemente, sorria para aqueles que eram diligentes em sua vocação terrena e, como o *Almanaque do Pobre Ricardo*\* observaria mais tarde, “ajudava àqueles que ajudavam a si mesmos”.<sup>8</sup>

Desse modo, a migração puritana estabeleceu a base para algumas características de Benjamin Franklin, e dos Estados Unidos da América: a crença de que salvação espiritual e sucesso secular não precisam estar em desacordo, que a laboriosidade está próxima da santidade e que o pensamento livre e a livre-iniciativa estão integralmente relacionados.

#### UM HOMEM DE JUÍZO SÓLIDO

Josiah Franklin tinha 25 anos quando, em agosto de 1683, partiu para a América com sua esposa, duas crianças e uma menina de apenas alguns meses de idade. A viagem, em uma fragata abarrotada com centenas de passageiros, levou mais de nove semanas e custou à família perto de quinze libras esterlinas, o que equivalia a cerca de seis meses de renda para um comerciante como Josiah. Foi, no entanto, um investimento sensato. Os salários no Novo Mundo eram duas a três vezes maiores, e o custo de vida era mais baixo.<sup>9</sup>

A demanda por tecidos e sedas tingidos com cores vivas não era grande numa cidade de fronteira, especialmente num lugar puritano como Boston. De modo efetivo, era uma infração usar roupas que fossem rebuscadas demais. Mas, ao contrário da Inglaterra, não havia nenhuma lei que obrigasse uma pes-

\* *Poor Richard's Almanac*: publicação anual de Benjamin Franklin. (N. T.)

soa a um longo aprendizado antes de entrar em uma atividade comercial. Então Josiah escolheu uma nova, que tinha muito menos glamour mas muito mais utilidade: a de comerciante de sebo, que transformava gordura animal em velas e sabão.

Foi uma escolha acertada. Velas e sabão estavam deixando de ser luxo para se tornarem artigos básicos. A tarefa odorífera de fazer lixívia de cinzas e fervê-la durante horas com gordura era algo que até a mais robusta das donas de casa de fronteira estava disposta a pagar a alguém para fazer. O gado, outrora uma raridade, começava a ser abatido com mais frequência, o que possibilitava a fabricação em massa de sebo. No entanto, a atividade não era comum. Um registro de profissões de Boston, pouco antes da chegada de Josiah, arrola doze sapateiros, onze alfaiates, três cervejeiros, mas apenas um comerciante de sebo.

Ele montou loja e residência em uma casa de madeira alugada de dois andares e meio, de apenas nove por seis metros, na esquina da Milk Street com High Street (hoje Washington Street). O térreo tinha somente uma peça e uma cozinha minúscula numa estrutura separada acrescentada na parte de trás. Como em outras casas de Boston, as janelas eram pequenas, de modo que seria mais fácil mantê-la aquecida, mas estava pintada de cores vivas, para parecer mais alegre.<sup>10</sup>

Do outro lado da rua ficava a South Church, a mais nova e mais liberal (relativamente falando) das três congregações puritanas de Boston. Josiah foi admitido como membro, ou teve permissão para “possuir a aliança”, dois anos depois de sua chegada.

Ser membro da Igreja era, ao menos para os puritanos, um nivelador social. Embora ele fosse apenas um comerciante batalhador, Josiah pôde, graças a sua condição de membro da South Church, se tornar amigo de lumináres da colônia, como Simon Bradstreet, que havia sido governador, e do juiz Samuel Sewall, membro de Harvard e diligente autor de um diário.

Figura confiável e paternalista, Josiah subiu na hierarquia puritana/cívica de Boston. Em 1697, foi escolhido para ser um *tithingman*, termo que designava os vigilantes morais, cuja função era impor o comparecimento e a atenção nos serviços religiosos dominicais e ficar de olho nos “notívagos, beberrões, violadores do descanso semanal [...] ou qualquer outra coisa que tenda à libertinagem, irreligião, profanação e ateísmo”. Seis anos depois, passou a ser *constable*, uma das onze pessoas que ajudavam a supervisionar os *tithingmen*. Embora os cargos não fossem remunerados, Josiah praticava a arte, que seu filho aperfeiçoaria, de

casar a virtude pública com o lucro privado: ganhava dinheiro com a venda de velas aos vigilantes noturnos que supervisionava.<sup>11</sup>

Em sua autobiografia, Benjamin Franklin faz uma descrição lapidar de seu pai:

Ele tinha uma constituição de corpo excelente, era de estatura média, mas bem firme e muito forte. Engenhoso, era capaz de desenhar lindamente, tinha um pouco de habilidade em música e uma voz clara agradável, de modo que, quando tocava músicas de salmos em seu violino e, além disso, cantava, como às vezes fazia em uma noite depois de encerrados os negócios do dia, era extremamente prazeroso de ouvir. Tinha também um gênio mecânico, e de vez em quando era muito hábil na utilização de ferramentas de trabalho dos outros. Mas sua grande excelência estava em uma boa compreensão e juízo sólido em questões de prudência, tanto nos assuntos públicos como nos privados [...] Lembro-me bem de que era frequentemente visitado por pessoas de renome, que pediam sua opinião em questões da cidade ou da igreja. [...] Ele também era muito consultado por particulares quando ocorria qualquer dificuldade, e era frequentemente escolhido para arbitrar entre partes em conflito.<sup>12</sup>

Essa descrição talvez seja excessivamente generosa. Afinal, ela está em uma autobiografia concebida, em parte, para incutir respeito filial no próprio filho de Benjamin. Como veremos, Josiah, embora fosse indiscutivelmente sábio, tinha horizontes limitados. Tendia a desestimular as aspirações educacionais, profissionais e poéticas de seu filho.

A característica mais proeminente de Josiah foi captada em uma frase, profundamente puritana em sua fidelidade ao mesmo tempo à laboriosidade e ao igualitarismo, que seria inscrita em sua lápide por seu filho: “Diligência em tua profissão”. Ela vinha do trecho preferido de Josiah de sabedoria salomônica (Provérbios 22,29), que ele citava com frequência para seu filho: “Vês um homem perito em seu trabalho? Ele será posto a serviço de reis, não será posto a serviço de pessoas obscuras”. Como Franklin recordaria quando estava com 78 anos, com a mistura irônica de leve vaidade e divertida consciência de si mesmo que permeia sua autobiografia: “A partir de então, considerei a indústria um meio de obtenção de riqueza e distinção, o que me incentivou, ainda que não achasse que viria a estar literalmente diante de reis, o que, no entanto, aconteceu, porque estive diante de cinco, e até tive a honra de sentar-me com um deles, o rei da Dinamarca, para jantar”.<sup>13</sup>

Enquanto Josiah prosperava, sua família crescia; ele teria dezessete filhos num período de 34 anos. Fecundidade como essa era comum entre os puritanos robustos e vigorosos: o reverendo Samuel Willard, pastor da South Church, teve vinte filhos; o famoso teólogo Cotton Mather tinha quinze. As crianças tendiam a ser mais um recurso do que um fardo. Elas ajudavam em casa e na loja, cuidando da maioria das tarefas domésticas.<sup>14</sup>

As três crianças que vieram com eles da Inglaterra, Josiah e Anne Franklin acrescentaram rapidamente mais duas, que viveram ambas até a idade adulta: Josiah Jr., nascido em 1685, e Anne Jr., nascida em 1687. Depois, contudo, a morte atacou de maneira brutal. Três vezes ao longo dos dezoito meses seguintes, Josiah fez a procissão da Milk Street ao cemitério da South Church: a primeira em 1688, por um filho recém-nascido que morreu com cinco dias; depois, em 1689, por sua esposa, Anne, que morreu uma semana após dar à luz outro filho; e, novamente, por esse filho que morreu após outra semana. (Na época, um quarto de todos os recém-nascidos em Boston morria em uma semana.)

Não era incomum que os homens da Nova Inglaterra colonial sobrevivessem a duas ou três esposas. Das primeiras dezoito mulheres que vieram para Massachusetts em 1628, por exemplo, catorze morreram em um ano. Também não era considerado insensibilidade um marido enlutado se casar de novo rapidamente. Na verdade, como no caso de Josiah, era visto como uma necessidade econômica. Aos 31 anos, ele tinha cinco filhos para criar, um comércio para cuidar e uma loja para manter. Precisava de uma esposa nova e robusta, e precisava logo.